

I

Luísa, depois de durante um longo período se ter totalmente afastado do seu contacto, do dos filhos e dos amigos, tinha finalmente reaparecido nos finais de Fevereiro desse ano de dois mil e um.

Muito envelhecida, doente e só, parecia finalmente ter reconsiderado sobre todo o mal que o seu comportamento obstinado, de forma inflexível e cega, provocara e que arrastara toda a sua família para uma situação de definitiva desagregação.

Para seu espanto, confusa e muito acabrunhada, tinha-lhe confessado estar disposta, em absoluto, a um entendimento cordato, aceitando resolver todos os problemas que a sua contestação violenta e irascível anterior arrastara por tanto tempo.

Garantira-lhe estar pronta a vender a casa e repartir todos os restantes poucos bens comuns sem mais discussão; a separar-se imediatamente dele e de mútuo acordo a assinar com ele todos os documentos necessários para que esse assunto fosse enterrado, de uma vez por todas. Adiantara-lhe ainda, com um trejeito de desgosto estampado no rosto pregueado de rugas, que aquela sua relação amorosa que a conduzira a ela e à família àquele caos, àquele infernal desfecho, tinha acabado.

Definitivamente.

Depois de tão longa ausência, ao vê-la naquele primeiro contacto, boquiaberto, perguntara-se onde estaria aquela mulher



de porte altivo, autoritária, controladora, fria de emoções, feroz na exigência de rigor no trabalho, com quem tinha passado a maior parte da sua vida e que à medida que os anos tinham decorrido deixara de ser a jovem que o amara, e ele amara talvez mais ainda; que a princípio lhe transmitira a sensação de uma vida plena de esperança e felicidade e que, com o passar do tempo se tornara déspota e o subjugara como quem domestica um animal indefeso, e que, sem rodeios e com invulgar frieza e crueldade, fora capaz de lhe confessar já não o amar, já não o poder mais suportar.

Aquela mulher em decadência parecia ser como que uma mutação total da jovem de porte sóbrio e tez morena, rosto bem recortado e de uma beleza serena, marcada por uns olhos castanhos rasgados, expressivos e enigmáticos, emoldurado por cabelos negros, cortados curtos, ao jeito daqueles tempos.

Recordava-a vestindo uma curtíssima mini-saia bem à moda e reduzida no tamanho a um rasar favorecido pelo meio das coxas de pele sedosa, a darem raiz ao perfil de umas pernas de uma absoluta perfeição; peça de vestuário essa que era a grande vedeta dos anos sessenta, época em que em Londres, onde nessa época a moda europeia se ditava, se tornara o centro de todas as atenções.

Nesse tempo Luísa sugeria ter assumido a explosão de juventude que esses anos tinham trazido consigo, nos mais diversos aspectos, para toda um geração de jovens. Mau grado o isolamento geopolítico a que o País estava condenado por Salazar, esse poder autoritário não tinha porém conseguido evitar que grande parte dessa juvenildade compreendesse os rumores dos ideais de liberdade que chegavam de fora, a maior parte das vezes com algum atraso, é certo, mas que acabavam sempre por chegar, penetrando qual furacão as fortes barreiras da diabólica desinformação política, ideais esses que no estrangeiro debutavam numa oposição à sociedade de consumo; mocidade essa, que era nem mais nem menos, o coração da que tinha sido apelidada de geração Beatnik.

Esse movimento que na América, na década anterior, vivera confinada à clausura dos espaços fechados dos bares, a partir dos



anos sessenta caminhava livre pelas ruas, provocando importantes transformações no comportamento juvenil.

Assim, por arrastamento e vencidas as contrariedades da vigiância ditatorial fascista, também em Portugal esses ideais tinham conseguido penetrar: a contracultura, o pacifismo e a radical transfiguração da moda, pondo assim um ponto final no conceito de única e que, desse modo, passaria a desfrutar de várias propostas, tornando-se a forma de vestir cada vez mais ligada ao comportamento.

Perguntava-se, em silêncio, onde estaria aquela jovem finalista de Medicina que a Sofia e a Sara lhe tinham dado a conhecer na primeira reunião entre associações de estudantes contestatários ao regime salazarista a que tinha assistido e na qual, o seu discurso arrebatado o empolgara tanto, e por quem, depois, sem se dar conta se apaixonara, sentimento para si até aí desconhecido.

Na solidão do quarto do pequeno apartamento de duas divisões, do décimo esquerdo e último andar daquele prédio na zona mais a norte do que fora a Exposição Mundial de Lisboa, em mil novecentos e noventa e oito, para onde se mudara três meses decorridos após a sua separação definitiva de Luísa, em princípios de Junho desse ano e de ter conseguido resolver com ela os problemas relativos à casa onde desde que tinham casado tinham vivido, e que após aquela sua inesperada visita, de recíproco acordo, tinham vendido, uma vez a sua relação falhada ter tido o desfecho na sua irrevogável desunião, Pedro, naquela sexta-feira de finais de Agosto desse ano, à semelhança das noites de insónia por que passara desde esse início de Junho em que tudo parecia ter terminado, mais uma vez não conseguia adormecer.

As ideias em turbilhão fervilhavam-lhe na cabeça entorpecida pelo álcool e pelos cigarros, consumidos uns atrás de outros.

Desde que vivia só que os seus dias se tinham transformado num fardo absurdo, difícil de suportar.

O acordar das poucas horas de um descanso que não conseguia alcançar eram momentos de confronto com outro dia, outro



recontro com um profundo abatimento, perguntando-se porque continuava a ter de repetir rotinas que se lhe tinham tornado tão dolorosas e incompreensíveis; a ter de suportar uma vida para a qual não encontrava sentido.

Horas depois voltava a mergulhar na anestesia da bebida e no fumo venenoso que sentia que lhe iam corroendo o corpo envelhecido e a vontade cada vez mais ausente de ganhar coragem para continuar uma luta, que, no íntimo, considerava perdida. Pressentindo ter atingido o ponto agudo limiar do esgotamento nessa batalha, aceitava agora, no entanto, como dado adquirido, o facto de o epílogo lhe ser tão indiferente.

Para si nada parecia ter mais importância. Só desejava encontrar paz, mesmo que para isso a solução passasse pela sua total destruição.

Na última semana até os seus quase únicos amigos tinha evitado, isolando-se, faltando ao seu trabalho como arquitecto municipal, que suportava com grande sacrifício sob o olhar crítico dos outros funcionários do departamento em que estava colocado, consumindo horas e horas vagueando pela cidade, afastando-se até da desordem do seu atelier, onde antes ainda ia tentando pintar e agora já nada conseguia fazer, num abandono de uma total desagregação.

Severamente derrubado o pouco que restava da sua auto-estima, quando da última vez que por lá passara, olhara as telas inacabadas e repetira, sem um tremular dos lábios, numa linguagem emudecida, numa ânsia asfixiante, que tudo o que fazia, tudo o que tocava não prestava, que tudo aquilo era uma borrada de merda e só isso: simplesmente como ele, só porcaria, mentiras!

Porque raio se salvara da morte, na Guiné?, perguntava-se.

Depois, quando a noite chegava, eram as voltas e mais voltas na cama, incapaz de parar de pensar, numa obsessão mortificante que pouco a pouco se ia apoderando de si.

E a felicidade de que todos andavam à procura?! O que era? Nunca lhe tomara o gosto.



Desde garoto que sempre se sentira diferente, olhado como uma criança adoentada, frágil e tristonha, constantemente remetida a um mutismo envergonhado, com os seus pais a acharem que era assim, por pura timidez, quando com os Benaim comentavam o seu comportamento.

Para além do seu tão querido avô David, a quem o ligava um afecto imensurável de neto, como se fosse do seu sangue, e que era o único que o parecia compreender, que sabiam todos os outros e os seus próprios pais de si e do seu acanho? Indiferente às brincadeiras dos demais rapazes da mesma idade, procurara sempre a companhia de Moisés; nunca tivera nem precisara de outro amigo.

Antes de o conhecer, não se lembrava sequer de que era ainda só uma criança, que até na escola sempre estivera de lado, longe das brincadeiras, às vezes tão cruéis dos outros garotos, e depois, quer na ida, quer no regresso das aulas, sempre a companhia protectora das figuras importantes que eram os seus pais, como se no pensamento deles esse abrigo castrador fosse o que mais importava. Talvez porque, em certa medida, ele e Moisés fossem muito parecidos; fossem assim inseparáveis: tudo resumido a uns pontapés na bola, desajeitadamente, e logo a seguir a casa e a eterna protecção.

Depois, nas férias grandes, na praia, eram tempos esquecidos no tempo, em casa dele, sentado em silêncio no atelier de David, esse o avô de uma bonomia e ternura transparentes que Moisés adorava e que ele tanto gostaria de ter tido, olhando-o, fascinado, a vê-lo a pintar, a misturar segredos de cores, dando vida às telas em que o gesto, articulando um bailado elegante de óleos coloridos e pincéis espessos, ia criando formas que não compreendia mas que tocavam o seu imaginário em fantasias ininteligíveis, mas cheias de alguma coisa que o enchiam de júbilo, como numa brincadeira conseguida na solução de um mistério de fadas e duendes.

E David, enternecido, a tentar um recuar no tempo, à idade dele, a aperceber-se da confusão que ia na sua cabecinha de criança meio aturdida, a suspender o gesto e a mergulhar os pincéis no pote cilíndrico de metal que exalava o perfume estranho e penetrante do diluente que lhe picava nas narinas.



Depois, o velho David a sentar-se na cadeira de lona branca a falar-lhe de Kandinsky com um entusiasmo inesgotável; tempos mais tarde a ensinar-lhe os primeiros passos de um desenho e a explicar-lhe que desenhar era um acto de olhar atentamente os modelos, deixando a mão levar o lápis ou o carvão flutuando leves no gesto sobre a tela ou o papel sem sequer ter a preocupação de os olhar, sem premir o risco com a intenção de fazer tudo copiado, tudo igual, tudo perfeito, antes porém, levantá-lo suavemente como num bailado de cisnes brancos, quando o olhar pairava, ondulante sobre essas figuras, e a falar-lhe das promessas de um dia lhe ensinar coisas: segredos, truques, manhas, o que era o ponto de oiro de uma composição..., mistérios dos pigmentos..., equilíbrios de composição... tudo a seu tempo.

Como era possível que um catraio tivesse tal comportamento tão atento ao que qualquer outro garoto acharia uma chatice; como o seu comportamento era tão diferente do de Moisés, que não mostrando qualquer interesse pelo que faziam no atelier, ao mesmo tempo se remetia a brincadeiras intermináveis que se centravam em fantasias de construção de pontes, casas e estradas, denotando um indisfarçável interesse por tudo o que tivesse a ver com electricidade, engenhocas e maquinaria! – *confessara-lhe um dia David ter pensado, tinha Pedro já dezoito anos.*

Chegara a pensar que não era um rapaz normal e quando um dia perguntara aos pais o porquê de tudo aquilo, daquele seu modo de ter sido criança e depois adolescente, não conseguira obter resposta inteligível, a resposta que esperara receber, mesmo que vinda do seu pai, que ele imaginava saber tudo: um Deus da sabedoria!

Depois, sempre o mesmo caminho até ser homem.

Ainda jovem e saído dessa adolescência solitária, conhecera a Luísa e qualquer coisa de diferente se passara na sua vida. Não que algum dia tivesse tido o desassossego de ser um machão como os outros da sua idade, que agora era obrigado a ter por mais perto, estudando ao lado deles, mas tão simplesmente pela consciência de que para além de si, havia o outro mundo, o mundo das pessoas, do qual não poderia fugir para se isolar no seu espaço, na sua solidão.



Assim, com eles privara sempre de forma sóbria, mas correcta, ouvindo-lhes, sem querer, as conversas másculas e gabarolas, tantas vezes carregadas de fabulações; reflexões de jovens na força da mancebia, na frescura pujante dos vinte anos capazes de actos de indescritível virilidade, propalados com orgulho.

Moisés ouvia-lhe essas suas inquietações e mesmo sem o entender, com o seu tique característico de estar sempre a puxar os seus óculos grossos para a raiz do nariz, aceitava-o, como sempre o adoptara, quase como o irmão que nunca tivera. Confuso, não o refutava, não lhe exprimia as suas dúvidas sobre as dele, as suas perplexidades de jovem diferente.

Mas não! Para Pedro, isso de ser como os demais, tão viris assim, não o faria mais feliz, mas, mesmo assim, nos primeiros tempos e ao seu jeito, talvez até o tenha sido.

Feliz com ela.

À sua maneira.

Seguira-se o casamento. Depois, o nascimento da filha tinha sido qualquer coisa que o acordara e lhe dera a sensação de que sem querer, afinal, era como os outros; que isso que sentira desde então, talvez fosse, ao seu modo, o amor de que tanto se falava, a tal enigmática felicidade!

Mais tarde a gravidez do filho e com o avançar da adolescência dele, aquele estranho comportamento de Luísa: a sua crescente intolerância, o trabalho, sempre o trabalho, a obsessão pela tese de doutoramento, numa atitude permanente de rodeio, primeiro como que fugindo para evitar tê-lo por perto, voltando depois ao mesmo: às permanentes discussões irrazoáveis, críticas, autoritarismo, ironias...

Aquele casamento não poderia ter tido outro desfecho.

Por mais voltas que a sua cabeça desse não conseguia deixar de pensar em David e na sua família, tentando encontrar um rumo, um fio cronológico da onda de emoções que tinha sido a saga daquela gente: os Cardozo Benaim.



Queria tanto consegui-lo.

Como sentia a falta daquele homem de figura magra, do seu ar de uma bondade incontornável, do seu sorriso rasgado, franco e bonacheirão, sempre pronto a ensinar, a dar um conselho amigo e sábio; aquele avô que a vida lhe dera como prenda maior, que sempre parecera compreendê-lo, que nunca lhe negara afeição.

